

VǪLUSPÁ, A PROFECIA DA VIDENTE: NOTAS E TRADUÇÃO

VǪLUSPÁ, THE PROPHECY OF SEERESS: NOTES AND TRANSLATION

*Pablo Gomes de Miranda*¹

Resumo: Tradução direta do nórdico antigo para português e anotações do poema nórdico antigo *Vǫluspá*. O poema em questão tem o seu registro escrito mais antigo em um manuscrito do século XIII, *Codex Regius*, GKS 2365 4to, que se configura como uma das fontes poéticas mais importantes para o estudo de religião, mitologia e literatura nórdico antiga, onde os acontecimentos cosmogônicos e escatológicos são narrados por uma profetisa através de um monólogo ouvido pelo deus Óðinn.

Palavras-Chave: Edda Poética; Literatura Nórdico-Antiga; Mitologia Nórdico-Antiga; *Vǫluspá*.

Abstract: Direct translation from Old Norse to Portuguese with notes of the Old Norse poem *Vǫluspá*. The poem in question have its oldest registry in a manuscript from 13th century, *Codex Regius*, GKS 2365 4to, which is one of the most important poetic source for the study of old Norse religion, mythology and literature, where the cosmogonic and eschatological events are narrated by a prophetess through a monologue heard by the god Óðinn.

Key-Words: Old Norse Literature; Old Norse Mythology; Poetic Edda; *Vǫluspá*

Introdução

A Profecia da Vidente, ou *Vǫluspá*, é um poema encontrado em dois famosos manuscritos escandinavos: no anônimo *Codex Regius* (GKS 2365 4to, também chamado de

¹ Doutorando em Ciências das Religiões pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba (PPGCR-UFPB), no qual desenvolve a tese *Mito e Rito na Europa Setentrional Pré-Cristã: investigando a Caçada Selvagem na poesia e prosa escandinava dos séculos e XII – XIV* sob a orientação do prof. Dr. Johnni Langer. Pesquisador do NEVE – Núcleo de Estudos Viking e Escandinavos, grupo de pesquisa certificado pelo CNPq e vinculado ao PPGCR-UFPB. E-mail: pgdemiranda@gmail.com



Konungasbók), datado de cerca de 1270 e, também, corpo central da obra que hoje é denominada de *Edda Poética*, uma das maiores fontes da mitologia nórdica; e em duas folhas do *Hauksbók*, compilação da pena de Haukr Erlendsson, sendo o códice datado do início do século XIV. Adicionalmente, boa parte do seu conteúdo é citado em forma poética nos escritos que compõem a narrativa do *Gylfaginning*, narrativa que é parte da chamada de *Edda em Prosa*, disponível em quatro manuscritos: novamente no *Codex Regius*, *Codex Upsaliensis* (DG 11, início do século XIV), no *Codex Wormianus* (AM 242 fol, metade do século XIV) e no *Codex Trajectinus* (MSS 1374, geralmente datado do século XVII).

Suas meias linhas, qualificadas como versos, seguem o *Fornyrdislag* (Métrica da Antiga Narrativa), uma métrica comum também à poética do repertório em *Althochdeutsch* e em *Ænglisc* (Alto Alemão Antigo e Inglês Antigo, respectivamente), bem como de algumas estelas rúnicas. Uma poesia essencialmente aliterativa, na qual quatro sílabas tônicas são distribuídas igualmente em dois versos: a primeira sílaba tônica do segundo verso alitera com uma ou mais sílabas tônicas do primeiro verso e, por via de regra, a última sílaba tônica dessa fórmula, portanto no segundo verso, não alitera. Um padrão cuja rima e a assonância, contribuem para o efeito sonoro no momento de sua declamação². Se cabem algumas palavras sobre a importância e a beleza do poema, seguem as palavras de John Lindow: “a *Völuspá* é um dos monumentos mais poderosos e eloquentes da Mitologia Escandinava, com uma beleza de expressão que é dificilmente equiparada e de uma visão abrangente da mitologia que também é inigualável³” (Lindow, 2001, p. 319).

Apesar da escrita ser datada do século XIII, representando um momento em que a Escandinávia já havia sido cristianizada, a *Profecia da Vidente* é um poema que consideramos ter sido composto por volta do ano 1000⁴, momento em que as religiosidades nórdicas pré-

² Sintética explicação vista em Larrington, 2014, XXVIII.

³ *Völuspá* is one of the most powerful and eloquent monuments of Scandinavian mythology, with a beauty of expression that is seldom matched and an overarching view of the mythology that is also peerless. Tradução nossa.

⁴ Ursula Dronke considera que o poema em questão como tendo sido composto por volta do ano 1000, com uma estrutura similar ao que encontramos no manuscrito 2365 4to, o *Codex Regius*, surgindo variações escritas séculos depois (R I e R II), e ocasionalmente se configurando no texto que conhecemos do *Hauksbók* com algumas variações, até que surja no *Gylfaginning* com consideráveis diferenças em relação ao texto encontrado no *Codex Regius* (Dronke, 1997, p. 63). Estou simplificando um esquema outrora já feito por Ursula Dronke, que entende haver ainda diferenças entre as folhas do *Hauksbók* (HI e H II) e a sua relação com o *Codex Wormianus*, mas destrinchar toda a discussão filológica e codicológica em torno da transmissão escrita relativa a datação desse poema pede uma publicação à parte, onde o escrutínio ao método utilizado também deve ser levado em consideração. Entretanto deixamos um



cristãs produziram novos conceitos, baseados no seu contato com o cristianismo que circulava nas Ilhas Britânicas, na Europa e Ásia, lembrando que muitos escandinavos tentaram a vida em Bizâncio. Não obstante, o poema *Völuspá* pode ser analisado mediante a perspectiva da *interpretativo norrœna*, na qual os poetas escandinavos interpretam o conjunto de ideias cristãs, que transformam seus cultos e mitos⁵.

Um exemplo dessa dinâmica, são os versos sobre o deus Baldr, cuja a morte aparece apenas no *Codex Regius* e motiva diretamente o Ragnarök, evento que após acontecido terá como resultado o retorno desse deus e a paz com Høðr, o seu algoz. A ausência de sua morte no *Hauksbók*, é particularmente interessante, pois evidencia a chegada de uma misteriosa figura após a morte dos antigos deuses: inominável, poderosa e que governa sobre todos. Tal figura evidencia características cristãs que são latentes ao poema, provavelmente, influenciadas por ideias milenaristas da Europa continental, segundo John Lindow (Lindow, 2001, p. 335).

A narrativa se dá, na forma de um monólogo, feito por uma Vidente (*Völva*) que é conjurada dos mortos pelo deus Óðinn, que lhe pede para contar os fatos do passado e os acontecimentos escatológicos, que resultarão na morte e renascimento dos seres vivos,

ponto em aberto, mais a título de provocação que de conclusão: a datação do corpo éddico é assaz complicado e envolve muitas vezes uma minuciosa investigação linguística (a exemplo dos estudos sobre partículas expletivas, a detecção de iniciais *-v* ou *-vr* ou o emprego de expressões do ramo germânico fora do corpo linguístico nórdico), o fato do poema estar em *Fornyrdislag* não garante a sua antiguidade, mas levanta questionamentos sobre a) um arcaísmo consciente dos escribas que nos legaram a *Profecia da Vidente*, b) construções de um repositório mítico-religioso pertencente à Escandinávia central, perpetuada enquanto uma tradição do imaginário islandês medieval. Bernt Thorvaldsen, discutindo em torno das influências textuais e dessa tradição, nos estimula a procurar não um texto original do qual a transmissão textual bastaria, mas um cenário onde ambas as aproximações metodológicas nos possibilitem a tratar cada texto como um material de investigação contido em si mesmo, onde ganharemos mais perguntando o que uma sociedade questiona como antigo e em que perspectivas eram tratados como tal (Thorvaldsen, 2014, pp. 80-87 e 90).

⁵ Em um verbete sobre o poema, o pesquisador Johnni Langer, sintetizou os debates acerca da sua transmissão: "Algumas das principais discussões recentes sobre o poema *Völuspá*: a sistematização de estudos em língua inglesa realizada por Judy Quinn em 1994; os debates entre a oralidade e a natureza dos textos manuscritos, entre eles, a comparação do poema éddico com textos oraculares gregos e latinos, proposta por Ursula Dronke em 1999; a comparação entre os mitos da criação da *Völuspá* com outros poemas éddicos e a *Edda* de Snorri, feita por John Stanley Martin em 1981; a análise das imagens femininas na *Völuspá* em 1989 por Jenny Jochens, considerando improvável que a autoria deste poema seja de uma mulher, como sugeriram outros pesquisadores; Lotte Motz em 1993 apresentou a concepção de que tanto Gullveig como Heiðr representam a primeira fabricação de hidromel. Mais recentemente, Christopher Abram considera que o poema *Völuspá* é um produto cultural de uma época de instabilidade, da coexistência entre o paganismo e o cristianismo – que influenciaram simultaneamente o sincretismo cultural dos poetas e audiência da época" (Langer, 2015a, p.557)



habitantes dos cosmos escandinavos: homens, deuses, anões e gigantes. A Vidente, ela mesma um ser antiquíssimo, foi educada pelos gigantes, seres de conhecimento ctônicos e com poderes sempre ambicionados por Óðinn. Seus conhecimentos são ainda maiores, pois a Vidente estava morta quando foi interrogada, possuindo assim acesso a um corpo de sabedorias distante dos mortais. Isso também explica o caráter gnômico do poema, no qual vários mistérios são revelados através de metáforas.

Sendo um poema de sessenta e três versos, segundo a transcrição consultada e baseada no *Codex Regius*, o texto pode ser dividido na seguinte sequência: nos dois primeiros versos, a Vidente criada pelos gigantes apresenta-se; dos versos três ao vinte o processo cosmogônico é explicado: o mundo criado no verso três, o tempo nos versos cinco e seis, e o tempo de abundância finalizado por três gigantes, no verso oito; dos versos vinte e um ao cinquenta, lê-se o encaminhamento para a escatologia cósmica, e dos versos cinquenta e um ao sessenta e três, a batalha entre as forças ordeiras e caóticas, além dos acontecimentos que virão após o fim de tudo (pois sempre há um recomeço)⁶.

Notadamente, os anões foram criados por Mótsognir, aconselhados pelos deuses e, a interpolação que se costuma chamar de *Dvergatal* ou *A Lista dos Anões*, consta entre os versos dez ao dezesseis, integrados à criação dos homens, que aqui, estão representados por Askr e Embla, nos versos dezessete e dezoito. O processo antropogônico é deixado à interpretação do leitor e, envolve um debate ainda profícuo entre os mitólogos, mas tanto os homens quanto os anões foram inicialmente matéria inacabada, os primeiros foram troncos de árvores encontrados no solo, (tradicionalmente entendido como praia, mas a expressão *á landi* é ampla), os segundos enquanto manequins (*manlíkon*), sendo necessária a combinação das forças conjuntas entre deuses e gigantes para a criação desses seres. Ainda mais, é possível que a deusa *Sól* também tenha influenciado diretamente, quando no verso quarto o seu calor e luz criou não apenas as primeiras plantas, mas também projetou os homens na terra⁷.

⁶ A título de comparação, seguindo a tradução de Ursula Dronke que é baseada no *Hauksbók*, o texto pode ser acompanhado na seguinte sequência: a Autoridade da Vidente, versos um e dois; o Estabelecimento do Cosmos, versos três a vinte; Progresso ao Ragnarök e a Dissolução do Mundo, versos vinte e um ao cinquenta e três; após o Ragnarök: o fim e a renovação do mundo, versos cinquenta e quatro a sessenta e dois (Dronke, 1997, pp. 30-59). Se torna salutar observar que seguimos a sugestão da tradutora em relação à sequência dos eventos narrados.

⁷ Essa é a ideia de Anders Hultgård, ao refletir comparativamente os mitos antropogônicos de tradições frígias e iranianas. Para uma exposição dos debates em torno do lugar dos homens e do mito antropogônico na *Völuspá*, consultar Hultgård, 2004.



Apesar da sua provável popularidade, pois como apontamos anteriormente o poema pode ser encontrado no *Codex Regius*, no *Hauksbók*, e no *Gylfaginning*, bem como, em parte do poema *Hyndluljóð*, a recepção desses versos no mundo moderno e contemporâneo é marcado por um abandono em favor da poética heroica, que ajudassem na fabricação de uma identidade escandinava pangermânica, ainda que, um curioso interesse inicial seja notável. Por exemplo, o *Codex Regius*, apesar de ter sido produzido por volta do século XIII, foi redescoberto no ano de 1643 pelo bispo islandês Brynjólfr Sveinsson, que anos depois, em 1662, presenteou o rei da Dinamarca com o manuscrito. Um momento oportuno, se levarmos em conta o clima de competitividade intelectual, que vigorava sob a estruturação das nações modernas na Europa, onde a origem dos povos exerceu forte influência no papel de tal processo. Não obstante, o interesse pela escrita medieval islandesa proveu aos escandinavos, justamente, o material necessário para a construção do passado nórdico.

Como aponta a pesquisadora Heather O'Donoghue: "o primeiro maior movimento da disseminação da *Edda Poética*, foi a edição de 1665 da *Edda* de Snorri, junto dos *Poemas Eddicos Völuspá* e *Hávamál* - textos mitológicos chave - por Peder Hansen Resen"⁸ (O'Donoghue, 2016, pp. 351-352). Cópias dessa edição circularam na Europa e influenciaram obras antiquárias como *De Anglorum Gentis Origine Disceptatio* de Robert Sheringham e *Britania Antiqua Illustrata* de Aylett Sammes, no entendimento de que um passado Gótico, comum a ingleses e escandinavos, poderia ser revelado pela exegese de textos em nórdico antigo.

Porém, a *Völuspá* não possuiu a mesma popularidade que os poemas heróicos, em especial a *Hervararkviða*, publicada sob o título *The Waking of Angantýr* ou *The Incantation of Hervor* e que chegou a ser impresso por Sir Walter Scott, em uma coletânea dos trabalhos de Anna Seward, que em 1796, publicava *Herva at The Tomb of Argantyr: a runic dialogue*. O material da *Völuspá* ainda exerceu influência na composição direta de poetas modernos, a saber: Thomas Mathias, Edward Jerningham e Joseph Sterling. No entanto, é palpável a discrepância nas publicações em relação aos poemas heróicos. Segue o comentário sobre os poemas *Völuspá* e *Hávamál*⁹:

⁸ the first major move in the dissemination of eddic poetry was the 1665 edition of Snorri's *Edda*, together with the eddic poems *Völuspá* and *Hávamál* – key mythological texts – by Peder Hansen Resen. Tradução nossa.

⁹ "... although *Völuspá* and *Hávamál* were the earliest mythological poems to be made available outside Scandinavia, this early prominence ironically resulted in neglect of both poems, since they were not included in later eddic collections – such as the first volume of the Copenhagen *Edda* – precisely because they were already available. Furthermore, *Völuspá*, with its allusive, oblique style, is not an immediately



“... enquanto *Völuspá* e *Hávamál* foram os primeiros poemas mitológicos a serem disponibilizados fora da Escandinávia, e essa precoce notoriedade resultou, ironicamente, na negligência de ambos os poemas, já que eles não foram incluídos em coletâneas eddicas mais tarde - como o primeiro volume da Edda de Copenhagen - precisamente porque já estavam disponíveis. Adicionalmente, a *Völuspá*, com o seu estilo alusivo, oblíquo, não é um poema imediatamente acessível, mesmo quando traduzido. O *Hávamál*, com a sua sabedoria realista, nunca foi ao encontro do sublime, e nenhum dos dois fizeram parte do pequeno grupo de poemas frequentemente traduzidos. E então, por um número de razões, a influência da poesia eddica mitológica foi eclipsada por pelo conceito do guerreiro viking heróico, e especialmente, pelo seu protótipo: Odin, o chefe asiático dos guerreiros góticos que derrotaram os romanos” (O’Donoghue 2014, p. 356).

Sobre a tradução

Algumas considerações sobre a tradução precisam ser feitas, antes que se possa apresentar este trabalho: a tradução aqui apresentada, foi feita diretamente sobre o material em nórdico antigo. Ao acessar as transcrições, amplamente utilizadas em trabalhos acadêmicos de mesmo propósito, optou-se preferencialmente pelo primeiro volume, *Goðakvæði*, da Edda Poética, transcrita e com notas de Jónas Kristjánsson e Vésteinn Ólason, da coleção *Íslensk Fornrit*, que por sua vez, é organizada por Þórður Ingi Guðjónsson (Kristjánsson; Ólason, 2014).

Outrora, foi realizado um estudo sobre o *Grímnismöl*¹⁰ utilizando-se a produção de Finnur Jónsson, na qual obteve-se tanto a paleografia dos manuscritos medievais, como seus apontamentos, postos nos dois volumes do *Lexicon Poeticum*, em parceria com S. Egilsson (Egilsson, 1913 - 1916; Egilsson; Jónsson, 1931). Esta predileção, justifica-se pela crítica e boas notas realizadas por Kristjánsson e Ólason, contudo foi mantida a consulta ao *Lexicon Poeticum*.

Para maior contribuição com o *Dvergatal*, foi utilizado um artigo de Chester Nathan Gould chamado “Dwarf-Names: a Study in Old Icelandic Religion” (Gould, 1929). Apesar de bastante datado, é ainda um estudo relevante, por oferecer diversas concepções filológicas em torno dos anões da Mitologia Nórdica, porém o debate do tema, que também envolve os

accessible poem even in translation. *Hávamál*, with its down-to-earth wisdom, never met the taste for the sublime, and neither one became part of the small group of often translated poems. For a number of reasons, then, the influence of eddic mythological poetry was eclipsed by the conception of the heroic viking warrior, and, more especially, his prototype: Odin the Asiatic chieftain whose Gothic warriors routed the Romans. Tradução nossa.

¹⁰ Apontado em Miranda, 2014.



nomes de outros seres (gigantes e deuses, inclusos), está longe de ser resolvido. Ainda há muito o que ser feito e adicionado, como por exemplo, a consulta aos artigos de Lotte Motz sobre o tema, em especial “New Thoughts on Dwarf-Names in Old Icelandic” e “The Host of Dvalinn: Thoughts on Some Dwarf-Names in Old Icelandic”, porém não foi possível o acesso a esses trabalhos, ficam os votos, para que escritos futuros, de outros pesquisadores possam utilizar tais referências.

Dúvidas sobre os termos na língua original, foram sanadas utilizando uma versão digital do dicionário em inglês *An Icelandic-English Dictionary* (Cleasby; Vigfusson, 1874) e uma cópia física do *A Concise Dictionary of Old Icelandic* (Zoëga, 2004). Não existe qualquer obra desse porte em português, o que em alguns momentos provou dificultar esta produção, já que se fez necessário estabelecer uma ponte linguística entre uma língua germânica antiga, uma língua neogermânica e uma língua neolatina.

No que se refere à posição das palavras, tempo verbal ou mesmo quando a construção das ideias ficou prejudicada por essa ponte, maior sorte se obteve, ao consultar em momentos de dificuldades, a tradução *Edda Mayor* de Luís Lerate (2009), o que permitiu dispor da perspectiva entre uma língua germânica antiga e uma língua neo-latina, possibilidade essa também apresentada pelos estudos de Régis Boyer e *L’Edda Poétique* (Boyer, 1992).

Quanto a estrutura textual, buscou-se similaridade, o que nem sempre foi possível devido às diferenças linguísticas entre o texto original e a tradução feita neste estudo. Infelizmente, regra geral, os tradutores não prezam por tal estilo, tornando o texto prolixo, com a finalidade de que sejam mais agradáveis ao público. Contrariando tal expectativa, o leitor encontrará aqui, no texto traduzido, repetições, frases intrincadas e um conteúdo críptico. Todas essas são características da poesia nórdica, na qual os ouvintes deveriam ter, como contrapartida, um conhecimento prévio do conteúdo e das metáforas poéticas, as *Kenningar*, ali inseridas.

Ademais, toda a crítica documental e sinalizações de incongruências entre os manuscritos, foram acompanhadas também pelas observações de Ursula Dronke (1997). Indiscutivelmente os melhores trabalhos acadêmicos sobre os poemas da *Edda Poética* se encontram na sua coleção em três volumes, devidamente consultados, um em particular no qual, a autora realiza a tradução da *Völuspá*, a mais profunda disponível em inglês, em razão da comparação entre os manuscritos originais, crítica documental e análise de conteúdo.



Por último, mas não mesmo importante, a profa. Dra. Patrícia Pires Boulhosa realizou uma tradução da *Vǫluspá*, esforço pelo qual o Instituto Árni Magnússon de Estudos Islandeses concedeu o “Snorri Sturluson Icelandic Fellowship” em 2007. Esse estudo ainda não foi publicado em português, mas ficam os nossos votos para que possamos vê-la disponível nas estantes de livrarias e bibliotecas brasileiras¹¹.

Tradução e Notas

Nórdico Antigo	Português
1. Hljóðs bið ek allar helgar kindir, meiri ok minni mogu Heimdalar; vildu at ek, Valfǫðr, vel fram telja forn spjöll fira, þau er fremst um man.	1. Eu peço a atenção de toda a sagrada descendência, nobres e modestos filhos de Heimdall ¹² ; eu fui requisitada, Pai dos Mortos ¹³ , para bem narrar os antigos acontecimentos do mundo, como lembrar dos tempos longínquos.
2. Ek man jǫtna ár um borna, þá er forðum mik fœdda hǫfðu; nú man ek heima,	2. Eu me lembro dos gigantes nascidos no primórdio, aqueles que outrora a mim criaram ¹⁴ ;

¹¹ Informações retiradas da página da autora na Universidade de Cambridge <http://www.asnc.cam.ac.uk/people/academic/boulhosa.htm> e do site http://www.arnastofnun.is/page/styrkir_snorra_sturlusonar_en ambos com acesso em 01 de agosto de 2018.

¹² Segundo o poema *Rígsþula*, encontrado no *Codex Wormianus*, Heimdall (sob alcunha de Ríg) deu origem a uma diferenciação social e identitária aos homens, divididos entre Jarlar, Karlar e Prælar, que seriam respectivamente os aristocratas, os homens-livres e os escravos. Desse modo, a Vidente pede atenção a todos os homens, independentemente de sua condição social.

¹³ Um dos muitos nomes do deus Óðinn.

¹⁴ Essa foi uma passagem sensível para a tradução. Nos rascunhos para concepção deste trabalho, traduzidas como “educaram e nutriram”, pois não está claro se a vidente viveu entre os gigantes e recebera deles o seu conhecimento ou se foi gerada ela mesma, uma gigante. De qualquer maneira nas linhas abaixo há de se ler “nú íviðjur”, traduzidos aqui, como nove ograds de madeira, uma clara referência ao conhecimento mágico que tanto é procurado por Óðinn, e que parece ser impossível desassociar a figura da vidente desses gigantes, de modo que a esta tradução se tornou propositalmente dúbia, a vidente ou foi recebida e criada por esses gigantes, ou é ela mesma uma gigante.



níu íviðjur, mjötvið mæran fyr mold neðan.	nove mundos ¹⁵ eu lembro nove ogras de madeira ¹⁶ , a ilustre Árvore da Medida ¹⁷ no chão abaixo.
3. Ár var alda, þar er Ymir byggði, vara sandr né sær né svalar unnir, jörð fannsk æva né upphiminn, gap var ginnunga en gras hvergi.	3. Foi no começo dos primórdios ali quando Ymir se assentou ¹⁸ , não havia areia, nem mar e nem ondas gélidas; não havia terra para encontrar e nem o céu acima, um buraco havia de lugares vazios e grama em lugar nenhum.
4. Áðr Burs synir bjöðum um yppðu,	4. Antes dos filhos de Burr ¹⁹

¹⁵ O número nove é um número central não só na mitologia, mas também, nos processos mágico-religiosos encontrados em diversos contextos materiais e imateriais do mundo escandinavo, quase sempre relacionado ao deus Óðinn.

¹⁶ O termo *Íviði* é de tradução complicada. Carolyne Larrington, traduzindo a partir do Codex Regius, menciona Nove Donzelas Gigantas. Úrsula Dronke, ao traduzir, a partir do Hauksbók, escreve Nove Ogras da madeira (talvez em referência a uma floresta). No *Lexicon Poeticum*, Finnur Jónsson menciona que o a palavra não faz sentido, estando incorreto no Hauksbók, porém admite a possibilidade ligação com a madeira contido no termo *Íviðja*.

¹⁷ Segundo Cleasby-Vigfússon, a “Árvore da Medida”, *Mjötvið*, pode ser uma corruptela de *Mjötudr*, “medida do destino”. Como há uma clara alusão a Árvore Cósmica, *Yggdrasill*, ainda por brotar (abaixo do chão) é possível uma tradução como Árvore do Destino.

¹⁸ Ymir é o gigante (ou protogigante) primordial e das partes de seu corpo é formado *Miðgarðr*, a Terra-Média, mas também a progênie de todos os gigantes e da maldade que faz parte desses seres. Em relação ao sânscrito *Yama*, hermafrodita, e ao védico *Yima*, Ymir pode significar gêmeo ou duplo, ou ainda ao indo-germânico *Iemo* (gêmeo, hermafrodita), como argumentam Régis Boyer e Rudolf Simek. Na Edda em Prosa, Ymir nasce do encontro do frio de *Nílfheimr* e do calor de *Múspelheimr*, ambos no buraco cósmico *Ginnugagap*, se alimentando do leite da vaca *Auðumla*, Veremos na tradução que dele também descendem os anões, aqui de seu sangue e ossos. Entre seus nomes, veremos neste poema que também será chamado de *Brimir* e *Bláinn*.

¹⁹ Burr, filho de *Búri*, marido de *Bestla* e pai dos três deuses que dão forma ao universo: Óðinn, *Vili* e *Vé*. Esse personagem é citado apenas de maneira passageira nesse poema e no *Gylfaginning*. Os gigantes são seres primordiais e dotados de poderes ctônicos, ao invoca-los aqui, a Vidente estaria indicando um momento anterior à própria ordenação de *Miðgarðr*, a Terra-Média. Ainda com informações dos poemas *Grímnismál* e *Vafþrúðnismál*, Óðinn, *Vili* e *Vé* fazem do corpo de Ymir: a terra com a carne, as rochas com os ossos, as árvores com os cabelos (portanto os humanos também seriam descendentes desse gigante, assim como os anões), o céu com o crânio, o mar com o sangue a Terra-Média com as pestanas e as nuvens de tempestade com os seus miolos. Para maiores discussões, consultar o verbete *Ymir* em LANGER, 2015b.



<p>þeir er Miðgarð mæran skópu; sól skein sunnan á salar steina, þá var grund groin grœnum lauki.</p>	<p>erguerem as costas²⁰, aqueles que Miðgarð²¹, criaram gloriosa; do sul brilhou Sól²² das pedras daquela morada, assim o chão ficou coberto com o verde alho-poró.</p>
<p>5. Sól varp sunnan, sinni mána, hendi inni hœgri um himminjǫður; sol þat né vissi hvar hon sali átti, stjornur þat né vissu hvar þær staði áttu, máni þat né vissi hvat hann megin átti.</p>	<p>5. Do sul lançou Sól, a companheira de Máni²³, sua mão direita nos limites do céu; nem sabia Sól, onde estava a morada dela, nem as estrelas sabiam onde elas possuíam moradas, nem sabia Máni que poder ele tinha.</p>
<p>6. Þá gengu regin ǫll á røkstóla, ginnheilǫg goð, ok um þat gættusk; nótt ok niðjum nofn um gáfu, morgin hétu ok miðjan dag, undorn ok aptan,</p>	<p>6. Então os Poderes foram todos aos tronos do destino, os magnificamente sagrados deuses, e a isso deram atenção: a Nótt e a sua prole nomes foram dados, foram chamados Morginn e Miðjan Dagr,</p>

²⁰ Costas do mar, no caso, referente ao processo de criação cosmogônico citado na nota anterior.

²¹ A Terra-Média.

²² Estamos diante da descrição do que seria o primeiro amanhecer. Curiosamente, a divindade que representa o sol, Sól, é uma mulher, enquanto a lua, um homem, seu irmão, Máni. Na quinta estrofe traduzido como Máni, como companheira de Sól, mas não se pode dizer ao certo, se as fontes indicam qualquer tipo de relação carnal, como no trio divino Freyr, Freyja e Njörðr. Nesse poema, Máni representa a Lua, enquanto contraparte masculina.

²³ Como escrito na nota anterior, Lua.



árum at telja.	Undorn e Aptann ²⁴ , os anos a fim de contar ²⁵ .
7. Hittusk æsir á Iðavelli, þeir er hǫrg ok hof hátimbruðu; afla lögðu, auð smíðuðu, tangir skópu ok tól gørðu.	7. Os Æsir se reuniram em Iðavöllr ²⁶ , eles que fizeram altar e templo erguidos em madeira; fundaram forjas, forjaram riquezas, moldaram pinças e fizeram ferramentas.
8. Teflðu í túni, teitir váru, var þeim vettergis vant ór gulli, unz þrjár kvómu þursa meyar ámáttkar mjök ór jötunheimum.	8. O Tafl no prado jogado, eram felizes, para eles não havia demanda por ouro, até que vieram para lá três donzelas gigantas com esplêndida força de Jötunheimr ²⁷ .
9. Þá gengu regin ǫll á røkstóla, ginnheilög goð, ok um þat gættusk; hverr skyldi dverga dróttin skepja ór Brimins blóði ok ór Bláins leggjum.	9. Então os Poderes foram todos aos tronos do destino, os magnificamente sagrados deuses, e a isso consideraram, que dos anões deveriam criar o chefe do sangue de Brimir e dos membros de Bláinn ²⁸ .

²⁴ Noite, e os seus filhos são Manhã, Meio-Dia, Tarde e Crepúsculo, respectivamente.

²⁵ *Ár* traduzido como Ano é uma construção plausível, mas pode também ser encaixado aqui, como Tempo de modo genérico.

²⁶ Prado Esplendoroso. Os deuses se encontram em Iðavöllr durante um período de ouro da criação e aqui, os sobreviventes do evento escatológico, o Ragnarök, voltarão a se reunir para reequilibrar as forças cósmicas.

²⁷ Reino dos Gigantes.

²⁸ Brimir e Bláinn são também nomes que se referem a Ymir.



<p>10. Þar var Mótsognir mæztr um orðinn dverga allra, en Durinn annarr; þeir mannlíkun morg um gørðu dvergar ór jørðu, sem Durinn sagði.</p>	<p>10. Assim foi que Mótsognir²⁹ se tornou o mais estimado de todos os anões, e Durinn o outro³⁰; aquelas imagens de humanos³¹ semblantes foram moldados da terra pelos anões, assim disse Durinn.</p>
<p>11. Nýi ok Niði, Norðri ok Suðri, Austri ok Vestri, Alþjófr, Dvalinn, Bívorr, Bávorr, Bomburr, Nóri, Án ok Ánarr, Ái, Mjødvitnir.</p>	<p>11. Nýi e Niði, Norðri e Suðri, Austri e Vestri, Alþjófr, Dvalinn, Bívorr, Bávorr, Bomburr, Nóri, Án e Ánarr, Ái, Mjødvitnir³².</p>
<p>12. Veigr ok Gandálfr, Vindálfr, Þráinn, Þekkr ok Þorinn, Þrór, Vittr ok Littr, Nár ok Nýráðr - nú hefi ek dverga - Reginn ok Ráðsviðr - rétt of talða.</p>	<p>12. Veigr e Gandálfr, Vindálfr, Þráinn, Þekkr e Þorinn, Þrór, Vittr e Littr, Nár e Nýráðr - os anões agora eu tenho - Reginn e Ráðsviðr³³ - reconhecidos corretamente.</p>
<p>13. Fíli, Kíli,</p>	<p>13. Fíli, Kíli,</p>

²⁹ Bebedor de Hidromel, mas Bebedor de Encontro ou do Debate também é uma tradução aceitável.

³⁰ Porteiro. Caso haja uma relação entre os nomes de Mótsognir e Durinn, o segundo mais estimado entre os anões, pode-se vislumbrar uma relação onde o primeiro recebe os convidados (talvez os anões) e Durinn controla o trânsito dessa recepção, expresso na lista que segue.

³¹ Mannlíkun foi uma expressão particularmente difícil de traduzir, a ideia geral é a de que os anões formaram da terra várias imagens, no sentido de manequim, boneco, ídolo, com semblantes humanos.

³² Lua Nova, Lua Minguante, Norte, Sul, Leste, Oeste, Ladrão de Todos, Preguiçoso, Castor, Bávorr, Inchado, Diminuto, Án e Contemplador, Bisavô e Lobo do Hidromel.

³³ Bebida, Elfo do Bastão, Elfo do Vento, Teimoso, Conhecido, Corajoso, Javali, Conhecido, Sábio, Corpo, Novo Conselho, Poderoso e Conselho Esperto.



Fundinn, Náli, Hepti, Víli, Hannar, Svíurr, Frár, Hornbori, Frægr ok Lóni, Aurvangr, Jari, Eikinskjalldi.	Fundinn, Náli, Hepti, Víli, Hannar, Svíurr, Frár, Hornbori, Frægr e Lóni, Aurvangr, Jari, Eikinskjalldi ³⁴ .
14. Mál er dverga í Dvalins liði ljóna kindum til Lofars telja, þeir er sóttu frá salar steini Aurvanga sjöt til Jöruvalla.	14. A lista dos anões da companhia de Dvalinn aos descendentes dos homens contados desde Lofarr, eles saíram a procura dos salões de pedra, da moradia de Aurvangar ³⁵ para Jöruvellir ³⁶ .
15. Þar var Draupnir ok Dolgþrasir, Hár, Haugspori, Hlévangr, Glói, Skirvir, Virvir, Skáfiðr, Ái, Álfr ok Ygnvi, Eikinskjalldi, Fjallar ok Frosti, Finnr ok Ginnarr.	15. Lá estavam Draupnir e Dolgþrasir, Hár, Haugspori, Hlévangr, Glói, Skirvir, Virvir, Skáfiðr, Ái, Álfr e Ygnvi, Eikinskjalldi, Fjallar e Frosti, Finnr e Ginnarr ³⁷ .
16. Þat mun uppi, meðan öld lifir,	16. Esses serão enaltecidos

³⁴ Lima, Cunha, Encontrado, Eixo, Cabo, Habilidade, Entorpecedor, Ligeiro, Chifre Perfurador, Famoso, Preguiçoso, Lamaçal, Guerreiro e Escudo de Carvalho.

³⁵ Plural de Aurvangr, pode ser entendido como Lamaçais.

³⁶ Planícies de Batalha.

³⁷ Gotejante, Ansioso Pela Batalha, Grisalho, Pisa Montículo, Planície Coberta, Brilho, Tecedor, Tingidor, Boa Árvore, Bisavô, Elfo, Yngvi, Escudo de Carvalho, Serralheiro, Gelado, Finn e Enganador.



langniðja tal Lofars hafat.	enquanto viverem os homens ³⁸ , os ditos da parentela que provém de Lofarr.
17. Unz þrír kvómu ór því liði øflgir ok ástkir æsir at húsi, fundu á landi lítt megandi Ask ok Emblu ørløglausa.	17. Até que vieram três daquele bando poderoso e querido Æsir à casa, encontraram pela terra com pouca vivacidade Askr e Embla ³⁹ desprovidos de destinos.
18. Qnd þau né áttu, óð þau né høfðu, lá né læti né litu góða; qnd gaf Óðinn, óð gaf Hæmir, lá gaf Lóðurr ok litu góða.	18. Eles não tinham respiração, eles não tinham espírito, nem pele ou sussurro sequer boa cor; Óðinn concedeu a respiração, Hæmir concedeu o espírito, Lóðurr concedeu a pele e a boa cor.
19. Ask veit ek standa, heitir Yggdrasill, hár baðmr, ausinn	19. O Freixo eu sei que ali está, chamado Yggdrasill, árvore alta, polvilhada

³⁸ Traduzidos como homens pelo significado poético, *Old* também pode ser entendido como tempo, Dronke e Larrington traduziram como Mundo. A preferência aqui manifestada, vem da estrofe quatorze na qual a lista dos anões descendentes de Lofarr é narrada para os homens e seus descendentes.

³⁹ Freixo e Videira. Ask e Embla é o primeiro casal de humanos animados pelo trio de deuses pertencentes aos Æsir: Óðinn, Hæmir e Lóðurr. É possível que esses sejam também o trio de deuses ordenadores do cosmo (Óðinn, Vili e Vé), mas a discussão linguística sobre o tema é extensa e ainda não se chegou a qualquer consenso. Ask e Embla seriam troncos encontrados no chão, e enquanto o primeiro facilmente refere-se a Freixo, o segundo é de difícil tradução, já que não existem paralelos no nórdico antigo, sendo traduzidos como Videira ou como Olmo. *Lá* não necessariamente se refere a “pele” e de certa forma Ask e Embla já possuíam pele, a casca dessas árvores, mas o termo também é difícil de se traduzir. A palavra significa a espuma entre a onda e as areias da praia, de modo que uma tradução literal não faria sentido, provavelmente na composição, remete-se a maciez do corpo humano que não existe no tronco da árvore, nesse sentido como é usado para se referir a algo que envolve e separa, portanto, mesmo sabendo das dificuldades, adotou-se o referido termo.



<p>hvíta auri; þaðan koma döggar þærs í dala falla, stendr æ yfir gröenn Urðarbrunni.</p>	<p>com barro branco; dali provêm os orvalhos que caem sobre os vales, sempre verde se levanta sobre o Poço de Urðr.</p>
<p>20. Þaðan koma meyjar margs vitandi þrjár ór þeim sæ er und þolli stendr; Urð hétu eina, aðra Verðandi - skáru á skíði - Skuld ina þriðju. Þær lög lögðu, þær líf kuru alda börnum, ørlög seggja.</p>	<p>20. Dali provêm as damas de conhecimento profundo três do lago que está abaixo da árvore; Urðr uma se chama, Verðandi a segunda, - escreviam em uma tábua - Skuld a terceira⁴⁰; elas as leis ditaram, elas escolheram as vidas dos filhos da humanidade, os destinos dos homens.</p>
<p>21. Þat man hon fólkvíg fyrst í heimi, er Gullveigu geirum studdu ok í vøll Hárs hana brenndu; þrýsvar brenndu þrýsvar borna, opt, ósjaldan, þó hon enn lifir.</p>	<p>21. Ela lembra daquela grande guerra⁴¹ primeira no reino, quando Gullveig⁴² em lanças prenderam e no salão de Hárr⁴³ a queimaram; três vezes a queimaram três vezes renascida, frequentemente, não raramente, entretanto, ela ainda vive.</p>

⁴⁰ Respectivamente: Passado, Presente e Futuro.

⁴¹ Fólkvíg, uma menção a guerra entre as tribos dos deuses Æsir e Vanir.

⁴² Bebe Ouro. A queima de Gullveig é um ponto importante na guerra entre os Æsir e Vanir e é possível traçar uma ligação entre Gullveig/Heiðr e a deusa Freyja, tendo em vista que tal conflito, a troca de deuses reféns e a prática de *Seiðr*, que também envolve a vidência, gravita em torno de Freyja na *Ynglinga saga*.

⁴³ Alto, um dos nomes de Óðinn.



<p>22. Heiði hana hétu hvars til húsa kom, vølu vélspá, vitti hon ganda; seið hon kunni, seið hon leikinn, æ var hon angan illrar þjóðar.</p>	<p>22. Heiðr⁴⁴ eles a nomearam quando as casas visitava, a vidente de boas visões, conjurava ela feitiços; seiðr ela conhecia, seiðr ela bem praticava, sempre foi ela a querida das más pessoas.</p>
<p>23. Þá gengu regin öll á røkstóla, ginnheilög goð, ok um þat gættusk, hvárt skyldu æsir afráð gjalda eða skyldu goðin öll gildi eiga.</p>	<p>23. Então os poderes foram todos aos tronos do destino, os deuses grandiosamente sagrados, e a isso deram atenção, se deveriam os Æsir pagar compensação ou deveriam os deuses todos compartilhar o pagamento.</p>
<p>24. Fleygði Óðinn ok í fólk um skaut, þat var enn fólkvíg fyrst í heimi; brotinn var borðveggr borgar ása, knáttu vanir vígspá vøllu sporna.</p>	<p>24. Óðinn lançou e na hoste disparou, era aquela a grande guerra primeira no reino; destroçada foi a paliçada da fortaleza dos Æsir, os Vanir com Predição Guerreira⁴⁵ estavam pisoteando a planície.</p>
<p>25. Þá gengu regin öll á røkstóla, ginnheilög goð, ok um þat gættusk,</p>	<p>25. Então os poderes foram todos aos tronos do destino, os deuses grandiosamente sagrados, e a isso deram atenção,</p>

⁴⁴ Brillhante ou Honra, é um nome comum dado as feiticeiras nas sagas islandesas, aqui o nome é dado a Gullveig após ela começar a praticar *Seiðr*.

⁴⁵ Vígspá traz a ideia de feitiçaria, o prefixo *Spá-* está associado ao conhecimento da previsão, do presságio, associado ao *Seiðr*, familiar à Profetisa que narra este poema.



<p>hverr hefði lopt allt lævi blandit eða ætt jötuns Óðs mey gefna.</p>	<p>quem fez todo o ar se misturar com veneno⁴⁶ ou à raça dos gigantes dado a donzela de Óðr.</p>
<p>26. Þórr einn þar vá, þrunginn móði, hann sjaldan sitr er hann slíkt um fregn; á gengusk eiðar, orð ok sœri, mál ǫll meginlig er á meðal fóru.</p>	<p>26. Sozinho lá Þórr golpeou repleto de fúria, raramente ele fica sentado quando ele ouve isso; das promessas quebradas, palavra e juras, todos os ditos importantes que passaram entre elas.</p>
<p>27. Veit hon Heimdalar hljóð um fólgt undir heiðvönnum helgum baðmi; á sér hon ausask aurgum forsi af veði Valføðrs. Vituð ér enn – eða hvat?</p>	<p>27. De Heimdall ela sabe que a audição está escondida debaixo da afeita ao brilho árvore sagrada; um córrego ela vê jorrar barrento riacho da promessa do Pai dos Mortos. Queres saber mais – e o que?</p>
<p>28. Ein sat hon úti, þá er inn aldni kom, yggjungr ása, ok í augu leit: „Hvers fregnið mik?</p>	<p>28. Fora sozinha ela sentou, quando o Ancião veio, dos Æsir o Filho do Terrível⁴⁷, e nos olhos a fitou: “O que queres a mim perguntar?</p>

⁴⁶ A tradução de Larrington Enganação (*Treachery*), enquanto Dronke preferiu Ruína (*Ruin*). Optou-se portanto, pelo termo Veneno pela sua pluralidade de sentidos na língua portuguesa, seguindo a indicação do dicionário Zoëga (*venom, bane; blanda lopt lævi, to poison the air*).

⁴⁷ Nome críptico mas associado a Óðinn, variação de Yggr, Terrível. Segundo as observações de Kristjánsson e Ólason (Kristjánsson; Ólason, 2014, p. 298) o nome está pode ser compreendido com o deus Óðinn, velho e temeroso, preocupado com o destino dos Æsir. Yggr ou Uggr, também pode ser entendido como preocupação ou ansioso, então é possível traduzir como Preocupado ou como Jovem, aqui, tomou-se por melhor, preterir a tradição que, entre os nomes de Óðinn, Yggr seja traduzido como Terrível.



<p>Hví freistið mín? Allt veit ek, Óðinn, hvar þú auga falt: í inum mæra Mímisbrunni.” Drekkr mjöð Mímir morgin hverjan af veði Valföðrs. Vituð ér enn – eða hvat?</p>	<p>Por que me testas? Eu sei tudo, Óðinn, onde o olho tu escondeu no famoso Poço de Mímir”. Mímir bebe hidromel todas as manhãs da promessa do Pai dos Mortos. Queres saber mais – e o que?</p>
<p>29. Valði henni Herföðr hringa ok men, fekk spjöl spaklig ok spá ganda, sá hon vítt ok um vítt, of veröld hverja.</p>	<p>29. O Pai das Hostes escolheu para ela anéis e colares, conseguiu notícias sábias e bastão profético⁴⁸, ela viu longe e além, sobre cada mundo.</p>
<p>30. Sá hon valkyrjur vítt um komnar, gørvar at ríða til goðþjóðar; Skuld helt skildi, en Skogul önnur, Gunnr, Hildir, Gøndul ok Geirskogul. Nú eru talðar nønnur Herjans, gørvar at ríða grund, valkyrjur.</p>	<p>30. Ela avistou as valquírias vindo de longe, prontas para cavalgar ao reino dos deuses; Skuld segurava um escudo, a outra era Skogul, Gunnr, Hildir, Gøndul e Geirskogul. Agora foram contadas as damas do Líder, prontas para cavalgar ao chão, as valquírias</p>
<p>31. Ek sá Baldri,</p>	<p>31. Eu vi Baldr,</p>

⁴⁸ Larrington e Dronke traduzem como Espíritos Divinatórios (*Spirits of Prophecy*), mas *Spágandr* pode se referir também aos bastões utilizados nos rituais de Seiðr e portados pelas feiticeiras, como parece ser o caso da narrativa: em troca dos presentes o deus Óðinn teve acesso a todo o arsenal mágico da adivinha.



<p>blóðgum tívur, Óðins barni, ørlög fólgin; stóð um vaxinn vøllum hæri mjór ok mjök fagr mistilteinn.</p>	<p>o sacrifício ensanguentado, a criança de Óðinn, o destino ocultado; estava ali maduro acima da planície esguio e muito belo o Visco.</p>
<p>32. Varð af þeim meiði er mæð sýndisk harmflaug hættlig, Høðr nam skjóta; Baldrs bróðir var of borinn snemma, sá nam Óðins sonr einnætr vega.</p>	<p>32. Se fez daquele caule que era de aspecto esguio uma perigosa flecha nociva, Høðr passou a atirar; era irmão de Baldr o nascido prematuro, aquele filho de Óðinn passou a matar com uma noite de idade⁴⁹.</p>
<p>33. Þó hann æva hendr né høfuð kembði, áðr á bál um bar Baldrs andskota; en Frigg um grét í Fensøllum vá Valhallar. Vituð ér enn - eða hvat?</p>	<p>33. Ele não lavou as mãos nem penteou a cabeça, até que trouxe diante da pira o adversário de Baldr; enquanto Frigg chorou em Fensalir sofrimento no Valhöll. Queres saber mais - e o que?</p>
<p>34. Hapt sá hon liggja undir hvera lundi, lægjarns líki</p>	<p>34. Um prisioneiro ela viu prostrado debaixo do arvoredado do caldeirão, uma figura traiçoeira</p>

⁴⁹ Referência ao assassinato de Baldr por Hóðr um deus cego que foi enganado por Loki. Segundo o poema *Baldurs Draumar*, Loki será morto, mas vingado pelo seu irmão Váli, que matará o deus cego em vingança. No *Gylfaginning* maiores detalhes são dados: Loki fabrica uma flecha usando o visco e entrega ao deus Hóðr para que atire em um jogo. Todas as coisas no universo haviam prometido não machucar Baldr, mas o Visco por ser ainda muito jovem foi liberado dessa promessa. Enganado, o deus cego é pego em uma das artimanhas do trapaceiro. Ainda no *Gylfaginning* Váli e Nari são apresentados como filhos de Loki, mas geralmente a isso é atribuído um erro de transcrição. O episódio da morte de Baldr e Hóðr pode ser encontrado em várias fontes em nórdico antigo e latim.



Loka áþekkjan; þar sitr Sigyn, þeygi um sínum ver vel glýjuð. Vituð ér enn – eða hvat?	o distinto Loki; lá senta Sigyn, não conseguindo de seu marido o prazer. Queres saber mais – e o que?
35. Á fellr austan um eitrdala søxum ok sverðum, Slíðr heitir sú.	35. Corre no Leste um rio entre um vale envenenado com facas e espadas, Slíðr ⁵⁰ é chamado.
36. Stóð fyr norðan á Níðavøllum salr ór gulli Sindra ættar, en annarr stóð á Ókólni bjórsalr jøtuns, en sá Brimir heitir.	36. Mais ao Norte estava em Níðavellir ⁵¹ um salão feito de ouro da linhagem de Sindri, e um outro estava em Ókólnir ⁵² o salão de cerveja de um gigante, que é chamado de Brimir.
37. Sal sá hon standa sólu fjarri Nástrøndu á, norðr horfa dyrr; fellu eitrdropar inn um ljóra, sá er undinn salr orma hryggjum.	37. Ela viu um salão que está distante de Sól em Nástrønd, a porta direcionada ao Norte; gotas de veneno caem através da abertura no teto ⁵³ , aquele salão é trançado ⁵⁴ com colunas de serpentes.

⁵⁰ Temível.

⁵¹ Campos Escuros.

⁵² Nunca Frio.

⁵³ Como os salões não possuíam janelas, essas aberturas serviam para a entrada natural da luz, bem como deixando escapar a fumaça que, do contrário, ficaria acumulada no interior.

⁵⁴ Dizendo-se de uma técnica de construção semelhante ao que no Brasil chama-se de Pau-a-Pique ou Taipa de Mão, que consiste no entrelaçamento de feixes de madeira que resulta na criação de uma tela que, depois de ter os buracos cobertos com barro, servirá como parede. Em inglês a técnica se chama *Wattle and Daub*, em francês *Torchis* e em espanhol *Bahareque*.



<p>38. Sá hon þar vaða þunga straua menn meinsvara ok morðvarga ok þanns annars glepr eyrarúnu; þar saug Níðhoggr nái framgengna, sleit vargr vera. Vituð ér enn – eða hvat?</p>	<p>38. Ela viu se arrastando ali na correnteza pesada homens insidiosos e assassinos e aqueles que do outro seduzem a esposa; lá Níðhoggr⁵⁵ chupava cadáveres dos falecidos, o lobo despedaçou homens. Queres saber mais – e o que?</p>
<p>39. Austr sat in aldna í Járarviði ok fœddi þar Fenris kinder; verðr af þeim ǫllum einna nokkurr tungls tjúgari í trolls hami.</p>	<p>39. No Leste sentou a velha em Járarviðr e ali pariu a descendência de Fenrir; entre eles todos será um certo destruidor da lua em pele de troll.</p>
<p>40. Fyllisk fjörvi feigra manna, rýðr ragna sjöt rauðum dreyra; svört verða sólskin of sumur eptir, veðr ǫll válynd. Vituð ér enn – eða hvat?</p>	<p>40. Se satisfizes das vidas de homens malfadados, pintou a morada dos Poderes com o sangue vermelho; Negro a luz de Sól no verão seguinte, o clima plenamente violento. Queres saber mais – e o que?</p>
<p>41. Sat þar á haugi ok sló hǫrpu gýgjar hirðir, glaðr Eggþér;</p>	<p>41. Sentou lá no montículo e tocou a harpa o pastor de ostras, alegre Eggþér;</p>

⁵⁵ Golpeador Colérico ou Golpeador Malicioso.



<p>gól um honum í Gaglviði fagrrauðr hani, sá er Fjalarr heitir.</p>	<p>cantou perto dele em Gaglviðr⁵⁶ o galo vermelho vivo que de Fjalarr é chamado.</p>
<p>42. Gól um ásum Gullinkambi, sá vekr hólða at Herjafóðrs, en annarr gelr fyr jorð neðan sótrauðr hani at solum Heljar.</p>	<p>42. Cantou perto dos Æsir Gullinkambi⁵⁷, que acorda os guerreiros no Pai das Hostes, e um outro canta embaixo da terra o galo vermelho opaco⁵⁸ nos salões de Hel.</p>
<p>43. Geyr Garmr mjök fyr Gnipahelli, festr mun slitna en freki renna. Fjöld veit hon frœða, fram sé ek lengra um ragna rök røm sigtíva.</p>	<p>43. Garmr ladra alto perante Gnipahellir, o grilhão será arrebentado o lobo escapará. Muito conhecimento⁵⁹ ela sabe mais à frente eu vejo pelo Ragnarök violento dos deuses da batalha⁶⁰.</p>
<p>44. Brœðr munu berjask ok at bõnum verðask, munu systrungar sifjum spilla; hart er í heimi,</p>	<p>44. Irmãos irão lutar entre si e irão matar entre si, filhos de irmãs vão quebrar a parentela⁶¹; haverá dificuldade no mundo,</p>

⁵⁶ Floresta da Força ou Floresta dos Pássaros.

⁵⁷ Pente Dourado.

⁵⁸ Aqui há uma clara contraposição a Fjalarr, esse galo que habita os salões de Hel, os salões habitados pelos mortos, e onde Sót-, é empregado no sentido de um vermelho enegrecido pela fuligem, portanto um vermelho escuro, sem vida.

⁵⁹ O sentido aqui é amplo, o dicionário Zoëga ainda traz os significados de conhecimento, poemas, encantamentos, feitiços.

⁶⁰ Também pode ser entendido como sig-Týr, ou o Týr da Batalha, uma clara alusão ao deus Óðinn.

⁶¹ Cometer adultério.



<p>hórdómur mikill, skeggöld, skálmöld, skildir ro klofnir, vínöld, vargöld, áðr veröld steypisk; mun engi maðr þóðrum þyrma.</p>	<p>muito adultério, era do machado, era da espada, escudos serão partidos, era do vento, era do lobo, antes do mundo se afundar; nenhum homem irá poupar outro.</p>
<p>45. Leika Míms synir, en mjötuðr kyndisk at inu galla Gjallarhorni; hátt blæss Heimdallr, horn er á lopti, mælir Óðinn við Míms höfuð.</p>	<p>45. Brincam os filhos de Mímr, e a Árvore da Medida se desperta ao estrondo do Gjallarhorn; sopra alto Heimdallr, o chifre ao ar, conversa Óðinn com a cabeça de Mímr.</p>
<p>46. Skelfr Yggdrasils askr standandi, ymr it aldna tré, en jötunn losnar.</p>	<p>46. Estremece Yggdrasill estando de pé o freixo, geme a velha árvore, e o gigante se liberta.</p>
<p>47. Geyr nú Garmr mjök fyr Gnipahelli, festr mun slitna en freki renna. Fjöld veit hon frœða, fram sé ek lengra um ragna rök röð sigtíva.</p>	<p>47. Agora Garmr ladra alto perante Gnipahellir, o grilhão vai arrebentar e o lobo escapará. Muito conhecimento ela sabe mais à frente eu vejo pelo Ragnarök violento dos deuses da batalha.</p>
<p>48. Hrymr ekr austan, hefisk lind fyrir, snýsk Jormungandr í jötunmóði;</p>	<p>48. Hrymr dirige do Leste, se protege com o escudo à frente, se contorce Jormungandr em fúria de gigante;</p>



ormr knýr unnir, en ari hlakkar, slítr náí neffǫlr, Naglfar losnar.	a serpente fustiga as ondas, e a águia guincha, bico pálido despedaça corpo, Naglfar se liberta.
49. Kjóll ferr austan, koma munu Múspells um lög lýðir, en Loki stýrir; fara fífls megir með freka allir, þeim er bróðir Býleists í fǫr.	49. Um barco vem do Leste, dali virá de Múspell as hostes pelo mar, e Loki o pilota; vão os filhos do monstro todos com o saqueador, eles vão com o irmão de Býleistr em viagem.
50. Hvat er með ásum? Hvat er með álfum? Gnýr allr jǫtunheimr, æsir ro á þingi; stynja dvergar fyr steindurum, veggbergs vísir. Vituð ér enn – eða hvat?	50. O que incomoda os Æsir? o que incomoda os elfos? Brada todo o Jǫtunheimr, os Æsir estão em assembleia; gemendo os anões nos portões de pedra, sábios da parede de rocha. Queres saber mais – e o que?
51. Surtr ferr sunnan með sviga lævi, skínn af sverði sól valtíva; grjótbjörg gnata, en gífr rata, troða halir helveg, em himinn klofnar.	51. Surtr vai do Sul com a ruína dos galhos ⁶² , reluz da espada o Sol dos deuses dos mortos; penhascos colapsam, e as bruxas vagueiam, os homens andam no caminho de Hel, e o céu ⁶³ despedaça.
52. Þá kǫmr Hlínar	52. Então vem de Hlínar

⁶² Surtr é caracterizado como um gigante do fogo, a ruína dos galhos seria uma referência

⁶³ Himinn, ainda que traduzido como céu, é tradicionalmente entendido enquanto paraíso (em inglês *Heaven*).



<p>harmr annarr fram, er Óðinn ferr við úlf vega, en bani Belja bjartr at Surti; þá mun Friggjar falla angan.</p>	<p>à tona o segundo pesar, quando Óðinn vai ao ataque contra o lobo, e o matador de Beli reluzente contra Surtr; Então vai de Frigg o amor tombar.</p>
<p>53. Þá kómr inn mikli mógr Sigfóður, Víðarr, vega at valdýri; lætr hann megi Hveðrungs mund um standa hjør til hjarta; þá er hefnt fóður.</p>	<p>53. Então vem o grande filho do Pai da Vitória, Víðarr, matar a besta da carniça; levou ele ao filho de Hveðrung⁶⁴ a mão para enfiar a espada até o coração; assim está o pai vingado.</p>
<p>54. Þá kómr inn mæri mógr Hlōðynjar, gengr Óðins sonr við orm vega, drepr hann af móði Miðgarðs véurr - munu halir allir heimstøð ryðja - gengr fet níu Fjörgynjar burr neppr frá naðri níðs ókvíðnum.</p>	<p>54. Então vem o esplêndido filho de Hlōðyn, o filho de Óðinn avança para a serpente matar, atacou ele com ira o defensor de Miðgarðr - todos os homens vão abandonar os lares - andou nove passos a criança de Fjörgyn debilitada pela serpente que não temeu a vergonha.</p>
<p>55. Sól tér sortna, sígr fold í mar, hverfa af himni</p>	<p>55. Sól começou a enegrecer, terra a afundar no mar, desaparecer do céu</p>

⁶⁴ Loki.



<p>heiðar stjörnur; geisar eimi við aldrnara, leikr hár hiti við himin sjálfan.</p>	<p>as brilhantes estrelas; vapor eclode contra o fogo, ergue alto o calor contra o próprio céu.</p>
<p>56. Geyr nú Garmr mjök fyr Gnipahelli, festr mun slitna en freki renna. Fjöld veit hon frœða, fram sé ek lengra um ragna rök röð sigtíva.</p>	<p>56. Agora Garmr ladra alto perante Gnipahellir, o grilhão será arrebetado e o lobo escapará. Muito conhecimento ela sabe mais à frente eu vejo pelo Ragnarök violento dos deuses da batalha.</p>
<p>57. Sér hon upp koma öðru sinni jörð ór ægi iðjagrœna; fala forsar, flýgr örn yfir, sá er á fjalli fiska veiðir.</p>	<p>57. Ela vê se erguer uma segunda vez terra do oceano novamente verde; as cachoeiras fluem, acima uma águia voa, que sobre a montanha procura peixe.</p>
<p>58. Finnask æsir á Iðavelli ok um Moldþinur máttkan dœma, ok mínnsk þar á megingóma ok á Fimbultýs fornar rúnar.</p>	<p>58. Os Æsir se encontraram em Iðavöllr e da Correia da Terra⁶⁵ julgaram o poder, e se lembraram ali dos grandiosos eventos e do Poderoso Deus⁶⁶ as antigas runas.</p>
<p>59. Þar munu eptir</p>	<p>59. Lá irão novamente</p>

⁶⁵ Provável referência a Jormungandr/Miðgarðsormr.

⁶⁶ Fimbultýr é um dos muitos nomes de Óðinn, Poderoso Týr também é uma tradução aceitável.



<p>undrsamligar gullnar tǫflur í grasi finnask, þærs í árdaga áttar hǫfðu.</p>	<p>as maravilhosas peças douradas⁶⁷ serem achadas na grama, aquelas que outrora eles⁶⁸ possuíram.</p>
<p>60. Munu ósánir akrar vaxa, þóls mun alls batna, Baldr mun koma; búa þeir Hǫðr ok Baldr Hropts sigtǫptir, vel valtívar. Vituð ér enn – eða hvat?</p>	<p>60. Sem planteio vai o lavrado crescer, toda a desgraça vai sarar Baldr vai retornar; Hǫðr e Baldr, aqueles residirão nos lares da vitória de Hroptr, os deuses dos mortos estão bem. Queres saber mais – e o que?</p>
<p>61. Þá kná Hœnir hlautvið kjósa, ok burir byggja brœðra tveggja vindheim víðan. Vituð ér enn – eða hvat?</p>	<p>61. Então Hœnir poderá escolher ramos de adivinhação, e habitarão os filhos dos dois irmãos no extenso Vindheimr⁶⁹. Queres saber mais – e o que?</p>
<p>62. Sal sér hon standa sólu fegra gulli þakðan, á Gimlé; þar skulu dyggvar dróttir byggja</p>	<p>62. Ela vê um salão que é mais belo que o sol coberto de ouro, em Gimlé⁷⁰; lá irão habitar as valorosas pessoas⁷¹</p>

⁶⁷ Referência ao Tafl jogado pelos deuses na estrofe oito.

⁶⁸ Ætt, foi traduzido como “eles”, mas a palavra corresponde ao sentido de família ou tribo, no caso os Æsir.

⁶⁹ Reino dos Ventos.

⁷⁰ Abrigo do Fogo.

⁷¹ O breve ponto de inflexão aqui foi proposital. Apesar da expressão ser usualmente traduzida como Bandos de Guerreiros Valorosos ou Bandos de Guerreiros Nobres (a exemplo de Dronke 1997, p. 24 e Larrington 2014, p. 12), *Drótt* pode ser entendido como um conjunto de pessoas que coabitam uma casa, fazendo referência ao espaço doméstico. Adicionalmente, *Dróttinn*, que usualmente é traduzido como rei ou senhor, torna-se também uma figuração para Cristo. Note-se que essa ambivalência é



ok um aldrdaga yndis njóta.	e em eternidade desfrutarão da felicidade.
63. Þá kœmr inn dimmi dreki fljúgandi, naðr fránn, neðan frá Niðafjöllum; berr sér í fjöðrum - flýgr vøll yfir - Níðhoggr nái. Nú mun hon søkkvask.	63. Assim veio o sombrio dragão voando, a serpente cintilante, de baixo desde Niðafjöll ⁷² ; em suas escamas carrega - sobre o campo voa - Níðhoggr, corpos. Agora ela irá afundar.

Bibliographical references:

Fontes Primárias

Anônimo. Vøluspá. In.: KRISTJÁNSSON, Jónas; ÓLASON, Vésteinn. *Eddukvæði* - vol. I
Goðakvæði. Reykjavík: Hið Íslenzka Fornritafélag, 2014, pp. 291-321.

BOYER, Regis. *L'Edda Poétique*. Paris: Fayard, 1992.

DRONKE, Ursula. *The Poetic Edda: volume II - mythological poems*. Claredon Press: Oxford, 1997.

LARRINGTON, Carolyne. *The Poetic Edda*. Oxford: Oxford University Press, 2014.

LERATE, L. *Edda Mayor*. Madri: Alianza Literaria, 2009.

Fontes Secundárias

EGILSSON, S. *Lexicon Poeticum - antiquæ linguæ septentrionalis*, Vol. I. Copenhagen: S. L. Møllers Bogtrykkeri, 1913 - 1916.

EGILSSON, S.; JÓNSSON, F. *Lexicon Poeticum - antiquæ linguæ septentrionalis*, Vol. II. Copenhagen: S. L. Møllers Bogtrykkeri, 1931.

GOULD, Chester Nathan. A Study in Old Icelandic Religion. In: *PMLA*, v. 44, n. 4, 1929, pp. 939-967

característica do momento em que o presente poema está sendo circulando, convergindo noções cosmológicas cristãs e pagãs que se influenciam mutuamente.

⁷² Montanha Escura, Nið diz respeito, entre outras coisas, ao período entre a Lua Minguante e a Lua Nova, onde o satélite fica com pouca ou nenhuma visibilidade.



- HULTGÅRD, Anders. The Askr and Embla Myth in a Comparative Perspective. In: ANDRÉN, Anders; JENNBERT, Kristina; RAUDVERE, CATHARINA (org.). *Old Norse Religion in Long-Term Perspectives - origins, changes and interactions*. Lund: Nordic Academic Press, 2004, pp. 58-62.
- LANGER, Johnni. Völuspá. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de Mitologia Nórdica - símbolos, mitos e ritos*. São Paulo: Hedra, 2015a, pp. 555-557.
- _____. Ymir. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de Mitologia Nórdica - símbolos, mitos e ritos*. São Paulo: Hedra, 2015b.
- LINDOW, John. *Norse Mythology: a guide to the Gods, Heroes, Rituals, and Beliefs*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2001.
- MIRANDA, Pablo Gomes de. Grímnismól - os ditos de Grímnir. In: *Roda da Fortuna*, v. 3, n. 2, 2014, pp. 301-325.
- O'DONOGHUE, Heather. The Reception of Eddic Poetry. In: LARRINGTON, Carolyne; QUINN, Judy; SCHORN, Brittany. *A Handbook to Eddic Poetry - myths and legends of early Scandinavia*. Cambridge: University of Cambridge Press, 2016, pp. 349-365.
- THORVALDSEN, Bernt Ø. The Dating of Eddic Poetry. In: LARRINGTON, Carolyne; QUINN, Judy; SCHORN, Brittany. *A Handbook to Eddic Poetry - myths and legends of early Scandinavia*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014, pp. 72-91.
- ZOËGA, G. T. *A Concise Dictionary of Old Icelandic*. Toronto: University of Toronto Press, 2004.